

ENTRE O AQUI E O LÁ DA VOZ - FIGURAÇÕES DA ORALIDADE EM GUIMARÃES ROSA, MIA COUTO E NORBERTO KAXINAUWÁ

Simone de Souza Lima (UFAC/CNPq)¹
Amilton José Freire de Queiroz (UFAC/UFRGS)²

RESUMO

Neste trabalho, propomos um encontro entre o Sertão Mineiro, Moçambique e a Amazônia. Geografias culturais e literárias que têm em comum a expressividade da língua portuguesa em interface com a oralidade, a mobilidade, a memória e os imaginários em permanente fricção e reconfiguração, a partir da relação dos sujeitos com a natureza. No livro de ensaios *E se Obama fosse africano?*, o moçambicano Mia Couto destaca o que, apenas aparentemente, nos parece uma obviedade. Ele afirma: As línguas servem para comunicar. Mas elas não apenas ‘servem’. Elas transcendem essa dimensão funcional. Às vezes, as línguas fazem-nos ser”. Como seres de linguagem, existimos nela [língua], por ela somos atravessados a todo tempo. Nesse sentido, é que “as línguas salvam-se se a cultura em que se inserem se mantiver dinâmica”. Partindo desse pensamento de Mia Couto sobre a fecundidade das línguas, queremos salientar os choques e as fricções resultantes de três linhas imaginárias peculiares à ação literária dos autores – o Sertão Mineiro, a África moçambicana e a Amazônia trans-fronteiriça brasileira. Três geografias que embora aparentemente dissonantes, são incrivelmente simétricas no desenho que delas nos dão seus autores, dentre as quais relevamos os renovadores aspectos estilísticos da língua em sua opção pela oralidade, a verticalidade do pensamento, a mobilidade dos personagens e das temáticas, o retorno nostálgico da tradicional forma de contar histórias, através de narradores testemunhas porosas. Para tal, colocamos em fricção uma constelação de saberes e ecologias oriundas das narrativas *A menina de lá*, de Guimarães Rosa; *O rio das quatro luzes*, de Mia Couto e *Estória de meninos*, de Tené Norberto Kaxinauwá. Esses textos serão lidos sob os aportes teórico-metodológicos do comparativismo solidário prospectivo e da teoria pós-colonial.

Palavras-chave: Língua, Sertão Mineiro, Moçambique, Amazônia, Oralidade.

1. Mapeando paisagens dialógicas – o sertão, o rio e a floresta

Este artigo atravessa o mosaico da letra de Guimarães Rosa, Mia Couto e Tené Norberto Kaxinauwá, estabelecendo redes de reflexão assentadas no redimensionamento da ecologia de saberes cujas dimensões culturais referendam o friccionamento das linhas imaginárias pós-abissais do sertão, a savana e a floresta – trilogia espacial imantada estética e literariamente por radares narrativos localizados na margem testemunhal do confluir de olhares enviesados sobre os trajetos do ser humano diante do ecossistema planetário.

O encontro entre as vozes literárias de Rosa, Couto e Sales Kaxinauwá – que ora sistematizamos neste artigo deu-se, a princípio, em meio à floresta amazônica, mais

¹ Professora do Centro de Educação, Letras e Artes da Universidade Federal do Acre – CELA/UFAC. Doutora em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade de São Paulo – USP.

² Professor do Colégio de Aplicação da UFAC – CAp/UFAC. Doutorando em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

precisamente na cidade de Cruzeiro do Sul, na fronteira com o Peru, onde nos encontrávamos com os professores indígenas, ministrando disciplinas de *Literaturas em Língua Portuguesa*. Foi nessa cena pedagógica de educação bilíngue e intercultural que conhecemos a produção literária do poeta, curador e professor Tenê Norberto Kaxinawá. Do contato com as paisagens dialógicas rosianas e miacoutianas, o professor indígena lançou-se à aventura de traduzir poeticamente a cosmogonia e cosmologia da floresta acriana no universo da escrita.

Em face desses diálogos literários, propomos, nesse breve trabalho, mapear três paisagens textuais que, embora aparentemente dissonantes, são incrivelmente simétricas no desenho que delas nos dão seus autores, dentre os quais relevamos os renovadores aspectos estilísticos da língua em sua opção pela oralidade, a verticalidade do pensamento, a mobilidade dos personagens e da temática infantil, o retorno nostálgico da tradicional forma de contar histórias, através da figura de narradores mediadores que testemunham os vestígios do diálogo com o outro de si.

2. Entre as linhas imaginárias do Sertão Mineiro – A menina de lá...

Para traçar a cartografia literária do sertão mineiro, começemos pelo momento em que um (in)certo narrador confessa que a personagem *Maria, Nhinhinha* dita, morava num lugar especial, “*sua casa ficava para trás da Serra do Mim, quase no meio de um brejo de água limpa, lugar chamado o Temor-de-Deus*”. No decorrer da trama, são oferecidos ao leitor os elementos que povoavam o estranho mundo de *Nhinhinha*, dos quais se destaca sua peculiar forma de usar a língua, o que leva o pai a afirmar: “*ninguém entende muita coisa que ela fala...*” –, prenhe de poeticidade, em permanente conexão com uma espécie de ecologia verticalizada, que dizia mais e amiúde acerca do “mundo de lá”, da outra dimensão da vida ou “*do esquisito juízo ou enfeitado do sentido...*”, numa peculiar acomodação do pensamento pós-abissal (SANTOS, 2010).

Dentro desse pensamento, abrolha um modo de vida perpendicular entre a verticalidade e a horizontalidade. A menina estabelece uma “dinâmica de trocas” e absorve as energias desse mundo/todo cósmico no qual estamos mergulhados, de que, agora, passaremos a tratar. Ao mesmo tempo em que absorve, a menina emana raios de susceptibilidades para além do que está posto diante dos olhos, aderindo incessantemente ao desconhecido mundo das relações cósmicas do saber

trans/intersubjetivo. Em primeiro lugar, realçaremos a relação do narrador/testemunha (aparentemente um médico da zona rural mineira), e *Nhinhinha* que se mostra, de certa forma, pautada pela intimidade. Convivem aparentemente durante quatro anos, antes da floração da fase “milagreira” de *Nhinhinha*. Conta-nos o narrador uma conversa sua com *Nhinhinha*:

(...) Eu disse: – ‘A avezinha.’ De por diante, *Nhinhinha* passou a chamar o sabiá de ‘*Senhora Vizinha...*’ E tinha respostas mais longas: – ‘*Eeu? Tou fazendo saudade.*’ Outra hora falava-se de parentes mortos, ela riu: – ‘*Vou visitar eles...*’ Ralhei, dei conselhos, disse que ela estava com a lua. Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: – ‘*Ele te xurugou?*’ Nunca mais vi *Nhinhinha*.

Sei, porém, que foi por aí que ela começou a fazer milagre (ROSA, 2001, p. 69).

Os “milagres” de *Nhinhinha* passam a ser delineados pelo narrador na seguinte ordem – “*eu queria o sapo vir aqui*’. Para o espanto de todos que a tinham ouvido, apareceu “bela rã brejeira, vinda do verduroso, a rã verdíssima. Visita dessas jamais acontecera (ROSA, 2001, p. 69-70).” Segundo o narrador, dias depois, com o mesmo sossego, demandava *Nhinhinha*: – ‘*Eu queria uma pamoninha de goiabada...*’ – sussurrou; e, nem bem meia hora, chegou uma dona, de longe, que trazia pãezinhos da goiabada enrolada na palha.” Na sequência, *Nhinhinha* dá um abraço de efeito curador na mãe; deseja o arco-íris num momento em que toda a comunidade sofria com a escassez de chuva para, ao fim, com um agourento desejo balizar o fim de sua existência no plano físico.

As estratégias narrativas usadas para contar o último desejo de *Nhinhinha* são mostradas ao leitor depois da narração de seu adoecimento e de sua morte por *Tiantônia*, única e até então oculta testemunha do agourento desejo:

(...) Agora, precisavam de mandar recado, ao arraial, para fazerem o caixão e aprontarem o enterro, com acompanhamento de virgens e anjos. Aí, *Tiantônia* tomou coragem, carecia de contar que, naquele dia, do arco-íris da chuva, do passarinho, *Nhinhinha* tinha falado despropositado desatino, por isso com ela ralhara. O que fora: que queria um caixãozinho cor-de-rosa, com enfeites brilhantes...(ROSA, 2001, p. 71)

Tinha seu fim o fluxo da poética trajetória de *Nhinhinha* no corpo material. A menina cumpria seu desejo de visitar os parentes “mortos”, deslocava-se para a outra dimensão da vida, voltava a integrar outros espaços cósmicos da existência. Guimarães

Rosa coloca em evidência, nesta singular narrativa, epistemologias e saberes ecológicos oriundos de outras linhas imaginárias.

3. Guimarães Rosa e Mia Couto – Fricções literárias pós-abissais

Neste tópico, passaremos a estabelecer fricções entre *A menina de lá* e *O rio das Quatro Luzes*, vigésimo terceiro conto do livro *O fio das missangas* (edição brasileira de 2009). Conservando certa simetria com a narrativa de Guimarães Rosa, cuja personagem *Nhininha* dá por encerrado seu fluxo encarnatório na terra quando lhe apetece ter um caixãozinho cor-de-rosa com verdes funebrilhos, também a narrativa de Mia Couto tem também como elemento deflagrador da trama semelhante aspiração: “Vendo passar o cortejo fúnebre, o menino falou: – Mãe: eu também quero ir em caixa daquelas. A alma da mãe, não mão do miúdo, estremeceu” (COUTO, 2009, p. 111). A história do menino é desvendada ao leitor na medida em que o narrador está imbuído de contar “o motivo do nome deste rio que se abre na minha paisagem, frente à minha varanda. O rio das Quatro Luzes” (Idem, p. 115).

Como na ocorrência da narrativa de Rosa, também o personagem de Mia Couto pertence ao universo infantil, embora temporariamente deposto das brincadeiras e peripécias próprias desse universo. O menino desejoso de “ir numa caixa daquelas” encontra-se reprimido, encarcerado ao universo adulto, solitário ser a viver com pai e mãe, apesar de contar com a camaradagem do avô, conforme podemos inferir do trecho abaixo:

À noite, o pai foi visitá-lo na penumbra do quarto. O menino suspeitou: nunca o pai lhe dirigira um pensamento. O homem avançou uma tosse solene, anunciando a seriedade do assunto. Que a mãe lhe informara sobre seus soturnos comentários no funeral. Que se passava, afinal? (COUTO, 2009, p. 111).

Compete ao narrador o esclarecimento da estranhíssima vontade tornada desejo ardente por parte do menino – a vontade de não mais ser criança, de tornar-se adulto, mais velho que o próprio pai. Na desistência da vida, o menino queria o fenecimento e iniciava, junto ao avô, a averiguação dos mistérios da morte.

- Avô, o que é preciso para se ser morto?
- Necessita ficar nu como um búzio.
- Mas eu tanta vez estou nuzinho.
- Tem que ser leve como lua.
- Mas eu já sou levinho como a ave penugenta.
- Precisa mais: precisa ficar escuro na escuridão.

– Mas eu sou tinto e retinto. Pretinho como sou, até de noite me indistinto do pirilampo avariado. (COUTO, p. 112).

Todas as indagações do menino às assertivas e respostas do avô acerca da morte condizem com seu perfil físico. Rematada a constatação da correspondência, então, é que o avô propõe ao neto o “negócio” atinente às certas leis da vida e do cosmos, contada pelo narrador nos seguintes termos: Primeiro o avô trava explicações em torno das leis naturais da vida, que retira da vida por início os mais velhos. Depois, confirma o “negócio”.

Pois ele falaria com Deus e requereria mui respeitosamente que se procedesse a troca: o miúdo falecesse no lugar do avô.

– *A sério avô? O senhor vai pedir isso por mim?*

– *Juro, meu filho. Eu amo de mais viver. Vou pedir a Deus.*

E ficou combinado e jurado. (COUTO, p. 113)

A partir desse ponto da narrativa, como diz o contador da estória – “o menino se iniciava nos amplos territórios da infância” pela mão paciente do avô. O imaginário peculiar ao universo infantil se desata diante do menino na companhia solidária do avô. Resta a ambos aguardarem as providências divinas relativas às “trocas da morte” ou “o negócio dos finais”, conforme pacto estabelecido diante de Deus.

Enquanto esperam com paciência, o avô sugere que o miúdo trate de ir se “meninando, distraído nos brinquedos”. É então que a cumplicidade entre ambos se funda na mais terna solidariedade, crepúsculo e aurora, madureza e infância se interconectam com a natureza, se amalgamam, “acumpliciam”, tendo o rio como “veículo de encontros”, segundo a acepção de Biagio D’Angelo. É o narrador quem diz que o avô:

... lhe contou os lugares secretos de sua infância, mostrou-lhe as grutas junto ao rio, perseguiram borboletas, adivinharam pegadas de bicho. Na companhia do avô, o moço se criava, convertido em menino. A voz antiga era o pátio onde ele se adornava de folguedos. E assim sendo. (COUTO, 2009, p. 113)

Guiado pela “voz antiga”, o menino se fluidifica, tem fecundada sua alma pelas águas ternas “deste rio que se abre na minha paisagem, frente à minha varanda”, segundo a expressão do próprio narrador do conto. De outro modo, constatamos que a união entre avô e neto é parte substantiva da arquitetura da narrativa, visto permitir a visualização do abandono e solidão a que a criança havia sido relegada pelos pais e demais membros da sociedade. Philippe Ariès chama a atenção dessa prática social

arcaica que baliza os séculos 19 e 20, marcada pela “tendência a separar o mundo das crianças do mundo dos adultos” (ARIÈS, 1981, p. 56).

A sensibilidade e experiência, juntadas pelo acúmulo de anos de vivência, norteiam a sábia ação do avô na orientação aos pais do menino, dessa forma realçada pelo narrador:

E o velho deu entendimento: criança é como amor, não se desempenha sozinha. Faltava aos pais serem filhos, juntarem miúdos com o miúdo. Faltava aceitarem despir a idade, desobedecer ao tempo, esquivar-se do corpo e do juízo. Esse é o milagre que um filho oferece – nascermos em outras vidas. E mais nada falou. (COUTO, 2009, p. 113-114).

A fluidez da afinidade entre neto e avô instituía no afeto incondicional, esquivo a quaisquer racionalismos sociais. Após o parecer em forma de aconselhamento doado aos familiares do miúdo, o avô se apartava da vida em direção à morte. A mudança do fluxo do rio figura como emblema da partida do velho avô para a outra dimensão da vida, contado com imensa dose de poeticidade:

De repente, ele viu a corrente do rio inverter de direção.

– *Viram? O rio já se virou.*

E sorriu. Estivesse confirmado o impossível vaticínio. O velho cedeu às pálpebras. Seu sono ficou sem peso. Antes, ainda murmurou no ouvido de seu filho

– *Diga a meu que eu menti. Nunca fiz pedido nenhum a nenhum Deus.* (COUTO, 2009, p. 114)

Delineia-se, a partir desse ponto da estória, o título da narrativa – *O rio das Quatro Luzes*. Quando escrevíamos este texto, indagávamo-nos acerca dos possíveis sentidos para este princípio. Fomos verificar o que dizia Mia Couto biólogo sobre o assunto, numa consulta ao ensaio *Rios, cobras e Camisas de dormir* – o autor moçambicano nos diz algo fabuloso:

Acreditamos que todos sabemos o que é um rio. No entanto, essa definição é quase sempre redutora e falsa. Nenhum rio é apenas um curso de água, esgotável sob o prisma da hidrologia. Um rio é uma entidade vasta e múltipla. (...) Pois eu também, de vez em quando, afundo a minha canoa e me apresento como o da outra margem. (COUTO, 2011, p. 52-53)

Nesse fragmento textual, Mia Couto apresenta, para além da ressonância com Guimarães Rosa, os efeitos de sentidos que o rio tem no imaginário moçambicano – “entidade vasta e múltipla”. Um rio é um ente vivo, possui corpo material e uma alma que se expressa pela mão e boca dos poetas através de símbolos.

Também no *Dicionário de Símbolos*, Jean Chevalier e Alain Gheerbrant nos esclarecem que “as significações simbólicas da água podem reduzir-se [pelo menos] a três temas dominantes: fonte de vida, meio de purificação e centro de regenerescência”.

4. Fricções da língua na trans-fronteira amazônica

Dialogando com Guimarães Rosa e Mia Couto, o professor e escritor indígena Norberto Tenê Kaxinawá produz o poema *Eu pensava que a terra remendava com o céu*, conduzindo o leitor pelas entranhas do universo da infância no contexto da Amazônia acreana. Este mundo sugerido perpassa sete elementos fortemente envolvidos na formação do imaginário cósmico da escrita teneriana: sol, noite, céu, chuva, água, homem e língua.

Assim, um eu-lírico que veste a roupa da memória infantil para rasurá-la através do processo de rastreamento da experiência no:

No meu pensamento de antigamente,
Quando eu era menino,
O mundo, eu pensava
Que era que nem tocaia,
A terra remendava com o céu

Um mundo que passa por transformação, diluição e projeção de outras frentes de representação do agir e sentir na floresta. Tudo isso é guiado pelas coordenadas de um pensamento que se deixa irradiar de contradições, logo, distribuindo sentidos vários em torno do papel da redefinição do cenário espiritual daquele que perspectiva sua vacante sedução de trançar terra e céu. Percebe que entre esses dois lugares transitórios existem reticências que sinalizam para o infinito do universo, timbrando, de fato, “tocaiais” que, no lugar de esconder os desejos e medos, impulsionam o eu-lírico a prosseguir viagem no labirinto descomunal da lembrança do teria sido possível dimensionar se tivesse conseguido emendar os olhares de lá e cá do viver na fronteira do tempo fluido, das lentes rachadas, das percepções fraturas e, acima de tudo, de seres parciais diante do curso da vida.

Sintomático disto é como esse mundo diverso encontra-se organizado, distribuído perante as retinas do leitor teneriano. Elas encontram, primeiramente, a projeção do estatuto dos fragmentos da memória espacial:

O sol,
Eu pensava que eram muitos,
Passando dias e dias.

Pelo olhar que se transmuta, percebe-se que o sujeito da enunciação não tem o dom da memória total. Detém um caráter parcial das recordações sobre o poder do sol na sua infância. É, portanto, no plano da imaginação que se multiplica a existência vários sóis, sugerindo a abertura de direções de focalização do saber telúrico. Embora os dias corram e tragam consigo novas tramas ambientais, o olhar do eu-lírico meio que consegue recolher a lição de que tudo depende do horizonte a partir do qual se tem acesso aos elementos da natureza amazônica.

Poetizadas as cenas de claridade através do sol, o eu-lírico aminha rumo à potencialidade plástica sobre:

A noite,
Eu pensava que era que nem fumaça,
Porque quando o sol ia embora,
A noite vinha cobrir o mundo.

O universo assume uma feição de escuro. Um caminho para além do conhecido. Mais uma vez, predomina o jogo da sedução pelo pensamento que projeta versões provisórias do ato de tradução praticado pelo eu-lírico. Ela se faz pelo uso, inicialmente, de uma comparação “era quem nem fumaça”. Depois, no plano causal “porque quando o sol ia embora”. E, finalmente, no âmbito consecutivo “a noite vinha cobrir o mundo”. Um manto de invisibilidade era ponto sobre o mundo do eu-lírico, impedindo-o de ver abertamente outros sinais de esperança para sair de si mesmo.

O próximo passo dado pelo eu-lírico – olhar para o céu e interpretá-lo, colocá-lo no colo da representação do manejar a imagem que se apresenta aos olhos:

O céu,
Eu pensava que era que nem ferro,
Nunca acaba.

Pelo viés do campo comparativo, céu e ferro tocam-se pela sensibilidade do tradutor do espaço amazônico. A ideia de infinidade do mundo é quebrada, haja vista a evocação da perenidade da percepção daquele que doa sentido à imagem observada. Já que os olhares não são petrificados, ao contrário, trazem consigo o ter de movimentar, o deslocar, o desprejar dos vestígios do mesmo. Isso alimenta o curso da atuação do eu-lírico para focalizar, agora:

A chuva,

Eu pensava que era alguma pessoa,
Que morava no céu e derramava água.

Água e pessoa liquidificam-se, provendo laços de solidariedade entre o plano terreno e espiritual. Trançados, o eu-lírico dismantela a separação desses imaginários, incursionando desejos de intercomunicação que ressemantizam percursos de ida e volta em espaços divorciados da monologia inócua de cada um dos horizontes projetados. O que o eu-lírico propulsiona é completa dessacralização do estar isolado no mundo. Os lugares, por mais que nos sejam apresentados como separados, já nos chegam cheios da presença do outro, (des)tramando teias de atravessamentos plurais entre chuva, homem e água.

A esse clima de potencialidade hídrica, o eu-lírico constrói a imagem da água e suas aproximações com os bichos:

A água,
Eu pensava que eram bichos grandes,
Esturrando em cima do céu.

Equilibrando-se nas facetas culturais da prosopopéia, o eu-lírico continua na o trânsito pela água, fazendo deslocar bichos grandes que registram os elementos da fauna. Entretanto, o dado que chama atenção é que “esses bichos grandes” estrumam de cima do céu. Promove-se uma readaptação transversal das linhas pós-abissais, pois lá e cá são mesclados, tirados de seus lugares definidos e (re)embaralhados de maneira poética que desnaturaliza as linhas imaginárias impostas pela lei do senso comum que a tudo banaliza e simplifica, apagando as marcas das diferenças, os choques entre o plano espiritual e material.

Não é á toa que o eu-lírico, em sequência, traz para o centro da figuração a radiografia:

O homem,
Eu pensava que só nós mesmos vivíamos,
Só nós mesmos, o povo Kaxinawá.

Neste ponto, o poema labora um dos momentos ápices do percurso do eu-lírico: o reconhecimento de que os Kaxinanawá não vivem isolados do mundo. Realizam com ele trocas, negociações gastronômicas, hídricas, éticas, religiosas, filosóficas, sociológicas, biológicas, etnográficas, dentre outras. O eu-lírico, que se posiciona na condição de partícipe do imaginário infantil, vasculha o álbum de sua memória

fragmentada para definir-se em relação ao mundo da natureza, bem como a sua inserção dentro das práticas cotidianas do povo Kaxinawá.

À proporção que esgarça o olhar coletivo, o sujeito da enunciação destampa as estranhas de sua alteridade quebrada e cindida pelo contato com os signos da cosmogonia indígena. Esse mundo dialoga, interage com outras esferas físicas e simbólicas, jogando o povo Kaxinawá frente às tramas de outros discursos, falas e gestos que amplificam o raio da experiência, tensa, com as dobras do imaginário da sociedade envolvente.

A cena da poética da relação com mundo interno e externo alcança outro ponto culminante, quando o eu-lírico desliza seu olhar para:

A língua, eu pensava que todo mundo falava
Na nossa língua mesmo, o Kaxinawá.

Pinça-se o caráter heterogêneo da língua – sustentada por transformações intrínsecas e extrínsecas que, justas, enlaçam, embalando, vidas para além do simples uso dos vocábulos, mas sim atuando como mola propulsora da relação de criatividade que eu-lírico mantém com os outros e com o mundo que o cerca. Ela figura o logotipo de novas alteridades andarilhas e mutantes que operam com múltiplas lógicas cujos entrecruzamentos recortam paisagens e misturam outros jogos em torno do arquipélago linguístico em seu movimento de travessia pela cultura própria e alheia.

Um dia eu vi um branco chegando na nossa casa falando diferente.
Mas eu pensava que quando eu fosse na casa dele, ele ia falar em
Kaxinawá.

Se na casa do povo Kaxinawá o homem branco fala a língua portuguesa, quando os indígenas fazem o via inversa, eles não podem usar a sua língua, fato que denota um jogo de interdição do imaginário das línguas que, dependendo do contexto, não devem ser usadas. Vê-se, assim, que a língua, ao mesmo tempo que aproxima os falantes, também os distancia, desloca os indígenas para a margem da produção de saberes.

Não obstante, o manejo da língua portuguesa, por parte do eu-lírico, evidencia como os indígenas articulam estratégias escriturais para friccionarem o contato entre as línguas portuguesa e indígena, denunciando que o processo de imposição da língua majoritária foi isenta de traumas e resistências no espaço das culturas indígenas. Violências, apagamentos e crimes foram cometidos para que a *“Última flor do Lácio”*

reinasse, não senhora, mas atuasse de maneira oficial em detrimento da língua do povo Kaxinawá.

Segundo essa linha de raciocínio, o eu-lírico sentencia:

Um dia, eu fui viajar com meu pai, para ver onde estava a terra remendada
Com o céu. Nós íamos descendo o rio e quando passaram alguns dias
perguntei a meu pai onde estava a terra remendada com o céu.
Meu pai me disse que não estava remendada a terra com o céu. Que
O mundo é muito grande e não tem fim...

Pelo recurso da viagem, o eu-lírico percebe as contradições que a língua apresenta. O contato com os elementos da natureza – o rio – dá ao enunciador, via o convívio com o símbolo da tradição – o pai – a possibilidade de exaurir perceber fluxos e interações que se multiplicam para além da força do mundo físico.

5. Entre aqui e lá – (geo)grafias pós-abissais nos trilhos da narrativa e poesia

Em nosso entender, os narradores mediadores de Guimarães Rosa e Mia Couto e eu-lírico tradutor de Tenê Kaxinawá figuram o movimento do homem cindido, fragmentado e móvel que procura “*abrir o universo um pouco mais*” (RUSHDIE, 1994, p. 35) para cartografar (geo)grafias pós-abissais que jogam o leitor perante as fronteiras (in)certas. Destarte, pelos trilhos da narrativa e da poesia, os três autores projetam a base sinérgica de epistemologias do saberes que se nutrem da fricção intervalar do (des)encontro entre voz, letra e olhar.

Os três escritores, atores culturais de sensibilidades insuspeitas estão ligados ainda por um cordão umbilical comum – suas trajetórias singulares dizem sobre homens, mulheres e crianças – personagens fecundadas a partir do parto nas dimensões da natureza planetária em sua verticalidade, cujos elementos de relevância são os astros e as energias cósmicas universais deles oriundas, que engendram nos personagens potencialidades especiais. Os movimentos de tradução da face de si empreendidos pelos narradores rosiano e miacoutiano e o eu-lírico desenhado por Tenê testemunham, portanto, a travessia entre o lá e o aqui do discurso literário para estampar o destino de seres em deriva pelo heterogêneo mundo da oralidade, vista como ponto nodal para cartografar as fricções entre a voz e a letra nas margens do labirinto do sertão, da floresta e da savana traduzidos pelo olhar de outrem no cenário do contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Inês de. **Desocidentada**: Experiência literária em terra indígena. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Tradução Dora Flaksman. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** – ensaios e outras intervenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____. **O fio das missangas**. Contos. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. Tradução Vera da Costa e Silva. 24ª Edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

D'ANGELO, Biagio. **Repensar a América**: do Sul, ao plural, austral. *In: Sob o signo do presente*: intervenções comparatistas. Rita Terezinha Schmidt (Organizadora). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

GLISSANT, Édouard. **Poética da Relação**. Tradução Manuela Mendonça. Porto, Portugal: Porto Editora, 2011.

MOREIRA, Andrei. **Cura e autocura**: uma visão médico-espírita. Belo Horizonte: AME, 2010.

ROSA, João Guimarães. **Primeiras Estórias**. 15ª Edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Organizadores). **Epistemologias do Sul**. São Paulo: Cortez, 2010.

RUSHDIE, S. **Pátrias Imaginárias: ensaios e textos críticos 1981-1991**. Tradução Helena Tavares et al. Lisboa: Dom Quixote, 1994.